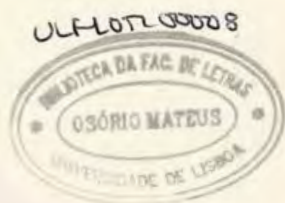


2 Peças de
JAIME SALAZAR SAMPAIO
**O meu irmão Augusto
Aqui. De passagem...**



Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

JAIME SALAZAR SAMPAIO



O MEU IRMÃO AUGUSTO
e
AQUI. DE PASSAGEM...
Teatro

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
1995

Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação
Sampaio, Jaime Salazar, 1925 —
O meu irmão Augusto e Aqui. De passagem...

Teatro

(Autores de Língua Portuguesa)

ISBN 972-20-1212-6

CDU 821.134.3-2"19"



Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Luciano Cordeiro, 116 — 2.º

1098 Lisboa Codex — Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Jaime Salazar Sampaio, Sociedade Portuguesa de Autores, 1994
Capa de: Daniel Dias/ Dimensão 6 sobre fotografia de José Carlos Nascimento
Foto da contracapa: Raquel de Barros

1.ª edição: Fevereiro de 1995

Depósito legal n.º 85 974/95

Fotocomposição: Contratipo, Artes Gráficas

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filho, Lda.

ISBN: 972-20-1212-6

AQUI. DE PASSAGEM...

(A cena representa um quarto de cama, emergindo de uma zona de penumbra, tão ampla quanto possível.

Em evidência, uma cama de ferro, de corpo e meio, com um decrépito colchão de arame, gingão e barulhento. À ilharga da cama, uma mesa-de-cabeceira. Em cima desta, uma pequena jarra com uma única flor; talvez uma magnólia. Perto da mesa-de-cabeceira, uma pilha de livros, em equilíbrio instável. Algueres, uma mesa redonda, algumas cadeiras desirmanadas e um enorme armário de espelho, género guarda-fato, mas com muitas gavetas. A um canto, um velho aparelho de T.S.F.

Uma porta ao fundo, com dois batentes. À direita, uma janela. Perdidos inicialmente na penumbra, dois cubículos: uma cozinha rudimentar e uma casa de banho, contendo esta última um chuveiro e um lavatório antigo, com espelho. A casa de banho é protegida por uma cortina de plástico, transparente e amovível. A cozinha encontra-se encoberta por um biombo opaco, também amovível.

A peça é constituída por uma série de quadros (ou cenas), por vezes de muito curta duração. As cenas serão separadas por mudanças de luz (que podem implicar ou não momentos de obscuridade) e por eventuais apontamentos sonoros.

Reina no quarto uma «desordem premeditada», traduzindo a estrutura mental do seu ocupante: Jerónimo, dito «O Pilha-Galinhas», homem de idade indefinida, ágil e de grande mobilida-

de de expressão... (No texto esta personagem será designada por «J.».)

NOTA: O Teatro é para pessoas livres que respeitam a liberdade dos outros. Que nenhum encenador venha pois a sentir-se acorrentado às rubricas que acompanham os diálogos desta peça. Tais rubricas são meras sugestões. Compete ao Encenador estudá-las. E depois, eventualmente, transgredi-las.

CENA 1

(J., de pijama e com óculos, está recostado na cama, a ler um livro, em silêncio. Um tempo. Tocam levemente à campainha da porta. J. volta a página, com precipitação e a campainha cala-se. Novo tempo de leitura silenciosa. Novo toque de campainha, desta vez mais forte. J., por cima dos óculos, olha para a porta, mas logo regressa à sua leitura. Um tempo.)

J. *(lendo, agora de forma audível)* — «...Naquele tempo eu andava à procura...» *(Interrompendo a leitura.)* Qual tempo?... À procura de quê?... De quem?... Em nome de que fantasia? *(Folheia o livro, entre irónico e distraído. Um tempo. Fecha o livro. A meia-voz, sorrindo.)* Ah, estes autores, estes autores... *(Pousa o livro. Retira outro da pilha. Abre-o. Um tempo. Lê alto, aplicadamente.)* «... Como se... de um autêntico trono se tratasse... o nosso herói... sentadinho na cama e com óculos... folheava um livro... no severo silêncio dos seus aposentos... *(Com um sorriso irónico, olha em volta. Um tempo. Mudando de página.)* De súbito — maldição! — fez-se ouvir um formidável estrondo...»

(Neste momento a porta é arrombada, de forma efectivamente es-

trondosa. No limiar, fortemente iluminada, surge uma imponente figura feminina, parecendo ter saído de uma banda desenhada para adultos, estilo Barbarella.)

FIGURA FEMININA (*de mãos nas ancas, provocante*) — Eu disse-te que voltava! Avisei-te!

(*J., que tem estado calmamente a ler em silêncio, tira os óculos, dobra o canto da página e fecha o livro. Um tempo.*)

J. (*com voz cortante, embora calmo*) — E eu disse: «Não me chateies!... (*Pausa.*) Foram estas, textualmente, as minhas palavras.» (*Volta a pôr os óculos e regressa à leitura silenciosa.*)

(*A Figura Feminina parece pronta a retorquir mas, de súbito, perdendo a arrogância, retira-se, às arrecuas, acabando por fechar a porta com toda a suavidade.*)

J. (*após um tempo de leitura silenciosa, meneando a cabeça*) — Ah, estes autores, estes autores!... (*Tira os óculos, atira o livro para longe e deita-se para baixo, tapando a cabeça com os cobertores. Um tempo. Riso abafado, sem destapar a cabeça.*)

(ESCURO.)

CENA 2

(A luz volta. J. está de novo deitado, mas agora sem ler. Um tempo.)

J. *(calmo, em tom narrativo)* — Podia levantar-me. *(Apalpa a cara. Sorri.)* Tenho a barba feita, estou apresentável. *(Pausa. Animando-se.)* Enfiava umas calças, vestia um casaco... e tufa! *(Levanta-se, num repente, e veste efectivamente umas calças e um casaco, por cima do pijama.)* Batia com a porta! *(Dá um passo para a porta, mas logo estaca, hesitante. Um tempo. Despe o casaco e as calças, lentamente, voltando para a cama, de novo em pijama. Uma vez deitado, sussurra.)* Umas calças, um casaco e tufa... *(Puxa a roupa da cama até ao pescoço. Um tempo. Soergue-se, cauteloso. Olha em volta. Um tempo. De novo em tom calmo, narrativo.)* Atravessava a rua, tomava um autocarro — um táxi, porque não? — e deixava-me conduzir até ao Parque. *(Levanta-se, vestindo outra vez as calças e o casaco, à medida que vai falando.)* Chegado ao meu destino, apeava-me do táxi — enfim, do autocarro — e iniciava uma longa passeata a pé... *(Põe um boné na cabeça e passeia pelo quarto, satisfeito.)* As pessoas que passavam por mim, em vez de me empurrarem, não senhor, sorriam... E eu, de barba feita, calças e casaco a condizer, correspondia ao sorriso delas. *(No seu deambular pelo*

CENA 4

(A luz regressa. A cama está aberta e desocupada. J., de pijama, está sentado à mesa. Um candeeiro fortíssimo ilumina-lhe o rosto. Perdido na zona de penumbra, alguém escreve à máquina, ora de forma hesitante, ora a um ritmo frenético, profissional.

Junto à porta do fundo, que se encontra fechada, estão dois Indivíduos Corpulentos, numa postura rígida, marcial, dita «de descanso»: pernas afastadas, mãos atrás das costas.

Junto à mesa-de-cabeceira está um terceiro homem, franzino este e de cabeça rapada. Fuma um opulento charuto, mexendo por vezes na pilha de livros e atirando um ou outro para cima de cama. Um tempo. O Homem Franzino larga o charuto e escolhe um livro, folheando-o. Aproxima-se da janela. Lê em silêncio. Um tempo.)

HOMEM FRANZINO *(sem deixar de fixar o livro mas voltando-se vagamente para J.)* — Nome completo?

J. *(continuando ofuscado pela luz do candeeiro)* — Jerónimo Alberto da Conceição Morais... *(procurando, em vão, fugir à luz do candeeiro)* ...e Cunha. *(Em resposta, ouve-se bater uma única tecla na máquina de escrever.)*